

lourados, manifestações sociais, noites glamurosas e, o principal, vitrine para as produções audiovisuais brasileiras.

No tapete vermelho estendido em frente ao Palácio dos Festivais, no Centro de Gramado, transitaram nomes importantes da arte nacional e latino-americana. Personalidades que marcaram o imaginário brasileiro através de seus personagens e que também fizeram o cinema verde-amarelo ser conhecido mundo afora. Para muitos, foi o Festival que deu as bases para a carreira de grandes cineastas brasileiros, vários deles com DNA gaúcho. Confira abaixo a linha do tempo do Festival de Cinema de Gramado.



NOVO TROFÉU

Instituído o Troféu Eduardo Abelin, nome de um dos pioneiros da cinematografia gaúcha, e tem como intuito premiar diretores, produtores e técnicos pelo trabalho desenvolvido. O primeiro a receber foi o cineasta Carlos Reichenbach. Outros que já subiram no palco são Carla Camurati, Otto Guerra e Carlos Diegues.

2012

CURADORES

Quando completou 40 anos, o Festival de Gramado apostou em um novo formato, apresentando a curadoria composta por Marcos Santuário, Rubens Ewald Filho e José Wilker. Outra homenagem é criada, chamada Cidade de Gramado, dedicada àqueles que possuem uma relação com o município da Serra e que contribuíram com a divulgação do evento. Denise Fraga, Ney Latorraca e Rodrigo Santoro são alguns dos artistas que já receberam o troféu, mas o primeiro foi para Eva Wilma.

2019

PROTESTO

A Carta de Gramado é assinada por 63 entidades. O documento foi composto após o Palácio dos Festivais ser palco de protestos e manifestações de resistência. Com palavras de ordem, artistas e cineastas se pronunciaram em favor do cinema brasileiro e contra o governo federal. Naquela noite, durante a passagem pelo tapete vermelho, parte do público que estava presente jogou gelo e restos de comida nos manifestantes.

2020

A PANDEMIA E O FORMATO HÍBRIDO

O coronavírus e uma pandemia mundial em 2020 resultaram em um novo modelo de programação: híbrido. O formato, inovador no País, refletiu na realização de outros festivais pelo Brasil afora. "O que naquele momento era uma saída, hoje mostra-se como uma possibilidade, o que resulta, inclusive, na criação neste ano (2022) da competição dos longasmetragens documentários, que vão ir para a televisão e apenas o vencedor que será exibido na tela do Palácio dos Festivais. É uma maneira de se apropriar do híbrido e proporcionar a quem não está em Gramado a poder fazer parte. Coloca Gramado sempre a frente nesse universo tecnológico", afirma o curador Marcos Santuário.



O Kikito

O Kikito, que significa "Deus do bom-humor", foi criado pela artesã gramadense Elisabeth Rosenfeld (foto). Considerado primeiro como troféu da Feira Nacional de Artesanato, em 1972, no ano seguinte consagrou-se como o prêmio do Festival. Até 1988, o objeto de madeira era esculpido à mão. Após, o material foi trocado e passou a ser utilizado o bronze. Na época, após o falecimento de Elisabeth, em 1980, o gaúcho Orival da Silva Marques, conhecido como Xixo, era o responsável pela produção. Ele deixava os troféus semiprontos de um ano para outro. Toda a família ajudava no processo. "Ajudávamo a lixar, a passar cera. Crescemos em cima dos Kikitos. Hoje, podemos dizer que o nosso pai faz parte da história de Gramado", conta uma das filhas de Xixo, Débora de Oliveira. Quando o material de fabricação foi trocado, Xixo realizou um abaixossinado e até colocou uma faixa de protesto em seu Fusca. No último ano de produção, ele chegou a fabricar 60 Kikitos. Nesta edição cinquentenária, no entanto, foi convidado a produzir dez troféus especiais. "O Kikito foi uma alavanca na minha vida, me trouxe autoconhecimento, clientes", afirma o artista.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

O Festival se torna Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul e é inaugurada a calçada da fama, onde artistas deixam suas mãos e assinam sua presença.

KIKITO DE CRISTAL

Ocorria a entrega do primeiro Kikito de Cristal, que destaca nomes do cinema latino-americano, e que nesta edição completa 15 anos. Entre os premiados, estão Jean Pierre Noher, a curadora Soledad Villamil e Leonardo Sbaraglia. O nome também muda para como hoje conhecem.